

**A RUA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E LAZER. SÃO PAULO (1920-1945).**

Janete Leiko TANNO\*

**Resumo:** O artigo discute a rua como espaço apropriado pelos diversos segmentos sociais para práticas multifárias, entre as quais, o *footing* e o carnaval, que propiciam a socialização e o lazer. Apesar de ser considerado espaço público, onde a circulação é aberta a todos, veremos que no usufruto da rua, as diferenças sociais demarcavam sua forma de ocupação e reforçavam a hierarquização da sociedade paulista entre as décadas de 1920-1945.

**Palavras –chave:** rua, *footing*, carnaval.

**THE STREET AS PLACE OF SOCIALIZATION AND LEISURE. SÃO PAULO (1920-1945).**

**Abstract:** The article discusses the street as appropriated place from many social segments for several practices such as the *footing* and the carnival, which provide the socialization and the leisure. Although it being public place, where the circulation is free for everyone, we will see that in the usufruct of the street, the social differences demarcated the ways of occupation and stressed the hierarchy of São Paulo society between the decades of 1920-1945.

**Keywords:** street, *footing*, carnival

**Introdução**

A rua enquanto espaço público tem sido usufruída para as mais diferentes funções ao longo dos séculos. Construída para servir como via de circulação para pessoas e veículos, tornou-se também lugar privilegiado para manifestações políticas e culturais dos mais diversos grupos sociais. Embora ganhe visibilidade por essas dimensões é, também, um espaço de lazer, para conhecer pessoas, para chamar atenção para si ou para as idéias ali veiculadas por diferentes protagonistas.

Em determinadas ocasiões e em tempos específicos, também foi ocupada somente por certos grupos sociais, apesar de seu caráter público. Quando foi

---

\* Janete Leiko Tanno é Doutora pela UNESP – Campus de Assis e Professora da Universidade Paulista – UNIP – Assis/SP - Brasil. E-mail: [janetetanno@hotmail.com](mailto:janetetanno@hotmail.com)

partilhada de forma mais igualitária, ela apareceu cindida: um lado da rua era para os ricos e outro para os pobres. Essas distinções são também perceptíveis em outras situações. Ao observarmos uma rua, em geral - ladeada por inúmeros espaços privados, sejam eles casas residenciais ou comerciais e diversos outros artefatos materiais, como o calçamento, o asfalto, os postes de luz, os fios elétricos, os carros, as lixeiras, as árvores, - percebemos as diferenças pelos materiais que a compõem e que a marcam como um lugar social e economicamente diferenciado, compondo assim os bairros que abrigam as elites, as classes médias e os pobres.

Este artigo, portanto, faz uma reflexão sobre o uso da rua para práticas culturais distintas, privilegiando algumas formas de diversão muito comuns entre os anos 1920 a 1945, como o *footing* e o carnaval de rua no Estado de São Paulo, explicitando as diferenças sociais nela estabelecidas.

### **O *Footing***

A palavra *footing* designa o passeio a pé por certas ruas da cidade para a distração e o flerte e era muito comum em diversas cidades paulistas. Ernani Silva Bruno no livro, *História e tradições da cidade de São Paulo*, comenta sobre esse lazer realizado pelos paulistanos entre o final do século XIX e início do XX: *Dos pontos de reunião elegante, sabe-se que em fins do século passado e começo do atual a rua Quinze era a preferida para o “footing” de todas as tardes*<sup>1</sup>.

No interior do estado também era praticado pelos moradores de inúmeras cidades nos finais de semana <sup>2</sup>. Há indícios ainda de que o *footing* era realizado em outras regiões do país como aponta o artigo do pesquisador Luziano M. Pinto, que relata essa prática na cidade de Uberlândia, na década de 1940. Em artigo sobre os lazeres nesta cidade, ele comenta sobre o *footing* dominical como habitual entre os moradores<sup>3</sup>.

Em Assis/ SP, o *footing* era realizado na Avenida Rui Barbosa<sup>4</sup>, a principal da cidade e estava aberto a todos aqueles que desejassem distrair-se, conversar e, principalmente, flertar. Porém, mesmo na rua, as diferenças sociais e econômicas estavam presentes. Ocupar esse espaço possuía vários significados. Era uma forma de se inserir na sociedade, de disputar e usufruir dela e do que a cidade podia oferecer.

Na memória da maioria dos entrevistados<sup>5</sup>, o *footing* aparece como uma prática comum. Tratava-se de um passeio a pé, pela Avenida Rui Barbosa. Os rapazes de

chapéus na mão, parados ao longo da Avenida, cumprimentando, flertando e observando as moças que, em seus trajés de passeio, subiam e desciam a rua. As moças na calçada e os rapazes no meio-fio. Na definição do sr. Ulysses Benozatti<sup>6</sup>, o *footing* era um *caminhar no sentido de lazer, de alegria, de convívio*. Portanto, tinha o sentido de diversão e de socialização entre seus praticantes, como veremos nos relatos dos entrevistados logo abaixo.

Ao recordar-se do *footing*, os entrevistados comentam uma das formas de ocupação e apropriação do espaço público da rua por grande parte da população local na vivência do seu cotidiano.

No *footing*, rapazes e moças, nos seus melhores trajés, exibiam-se e se observavam mutuamente. Por meio das lembranças de dona Irene Salotti, é possível formar uma imagem desse passeio.

De noite a gente jantava, tudo, se arrumava toda bonitinha e ia para a Avenida. E tinha um grupinho, a gente ia até lá embaixo e voltava, mas isso ficava horas...ali na avenida para lá , para cá...nós íamos descendo e uns rapazes vinham subindo, ele de chapéus, todos tiravam os chapéus - boa noite [...]<sup>7</sup>.

Característico do período, o chapéu poderia ter várias utilidades, e sua declinação na ocasião do cumprimento podia possuir mais de um sentido, dependendo a quem se dirigia. Em geral, tirar o chapéu e cumprimentar era sinal de respeito, mas também podia simbolizar simpatia ou agrados dirigidos a uma pretendente, ou um sinal de flerte dependendo do grau da declinação, do gestual e polidez no ato do cumprimento.

Este tipo de passatempo, de divertimento aparentemente inocente, revelou-se um exercício de exclusão social na cidade. Segundo alguns entrevistados, que praticavam o *footing*, havia uma distinção entre as pessoas que passeavam na Avenida. Subindo a Avenida da Catedral em direção à estação de trem, do lado direito, passeavam os mais ricos, os pertencentes à “sociedade” e do outro lado, à esquerda, os mais pobres. A razão dessa divisão, ninguém soube ou se lembrou de explicar.

Luziano Pinto, também afirma que no *footing* praticado em Uberlândia, havia diferenciação de classe e cor, visto que de um lado passeavam os brancos e ricos, e de outro, os negros e pobres<sup>8</sup>.

Os depoimentos colhidos em Assis não falam de preconceito em relação à cor,- embora o Código de Posturas do Município sinalize para a presença de negros na cidade ao proibir a prática da capoeiragem, - mas sim de classe social, o que não quer dizer que entre os assisenses não houvesse racismo.

O confronto dos comentários sobre essa questão, entre depoentes de diferentes segmentos sociais é significativo, porque confirma a mesma discriminação. Um deles, o sr. Antenor Camargo, morador em Assis desde 1922, não fazia parte da elite. Quando criança, engraxava sapatos e vendia doces no cinema, com 19 anos tornou-se barbeiro, profissão que exerceu até a velhice. Suas lembranças sobre o *footing* expressam tal vivência e sua posição na sociedade local:

O lado direito era frequentado pela classe alta, média alta. Agora o lado esquerdo era a tranquerada. Ali era os tranqueras mesmos. E a gente se igualava. Sabe como é, né? A gente se punha na consciência que era pobre, não podia estar no meio deles<sup>9</sup>.

Um outro lembrando o *footing*, afirma ainda:

E era tudo seguido, não havia briga, não havia atrito, divergências e as pessoas se mantinham fiéis. Se eu sou pobre eu fico deste lado, se eu estou melhor fico do outro lado<sup>10</sup>.

As narrativas dos entrevistados deixam antever, explicitamente, a rigidez da hierarquia social e o autoritarismo local, colocando cada qual no seu lugar, ao incutir e formar uma postura conservadora e conformista. Estas falas revelam ainda a forma como cada qual construiu sua narrativa, situando-se na escala social e dessa maneira demarcando sua posição e suas práticas sociais e políticas nelas.

Nesse tipo de passatempo também participavam os ferroviários. Eles saíam da Vila Coelho e vinham para a Avenida Rui Barbosa fazer o *footing*. Mas, de acordo com as lembranças do sr. José Cândido Figueiredo, a separação entre as pessoas da cidade e os da Vila também se manifestava no passeio. Ele diz: *não misturava muito não, o pessoal que era ferroviário ficava para um lado e o pessoal da cidade, os almofoadinha aí, que não se dava com nós ficava do outro lado*<sup>11</sup>.

Momento e espaço de lazer e flerte, o *footing* na rua configurava-se também como exercício de manutenção da ordem social e de troca entre iguais, visto que

apesar de ele ser realizado em espaço público por ricos e pobres, conforme foi dito, havia uma clara divisão de classe socioeconômica nesse tipo de socialização. A diferenciação social presente nesse tipo de passeio público é representativa ainda das relações de poder, que permeavam a sociedade local e que estavam inscritas também nas disputas pelo direito de ocupação do espaço público.

Tal código de conduta seguido pelos frequentadores do *footing* é revelador da estrutura social na qual foi organizada a cidade. Como afirma Norbert Elias, existe uma profunda relação entre estrutura social e as formas de comportamento dos cidadãos. Deve ser lembrado que a sociedade brasileira foi organizada sob rígida forma hierárquica desde os tempos coloniais, na qual as condições de ascensão social eram precárias e restritas a poucos, forjando ao longo dos séculos tais formas de pensar e agir nas pessoas, isto é, cada qual deve ocupar seu espaço no social, sem questionamentos, a condição social de cada um devia ser vista como algo natural. Isto é possível porque, de acordo com Elias, [...] *como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo [...]*<sup>12</sup>. Além disso, como também informa o mesmo autor, estar em público, ou melhor, exposto aos olhares de outros, funciona como uma forma de autocontrole, de contenção de impulsos não agradáveis à sensibilidade alheia.

Como vimos, o *footing* era uma forma de lazer realizado em via pública, mas que demonstrou que a ocupação desse espaço era regido também pelas diferenças sociais e econômicas estabelecidas pela sociedade mais ampla. Um outro tipo de diversão que também explicita tais diferenças é o carnaval, cujos festejos em determinadas ruas ficavam restritas às elites.

## **O Carnaval**

No período do carnaval, as ruas das cidades ganhavam uma nova função, além daquelas exercidas no cotidiano. Utilizadas para a realização do corso, para os desfiles de blocos, cordões e das sociedades carnavalescas, as ruas nos centros urbanos adquiriam um novo colorido e tornavam-se palcos de festas e comemorações onde os foliões acompanhavam tudo e também se divertiam.

Em São Paulo, durante os festejos carnavalescos, diversas ruas do centro da cidade eram ocupadas para desfiles do corso e também das grandes sociedades carnavalescas realizados pela elite paulistana. As ruas centrais formavam o espaço privilegiado para o carnaval dos pertencentes a esse segmento social. Em outros

bairros, blocos, ranchos e cordões, aglutinavam os populares e a classe média, para a folia de momo.

Zélia Lopes da Silva na obra *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo. Metamorfoses de uma festa (1923-1938)* observa que a ocupação dos espaços públicos para os festejos carnavalescos dava-se em diferentes lugares dependendo do poder aquisitivo dos foliões. Entre as décadas de 1920 e 1930, a região central da cidade, nas ruas Direita, São Bento e Quinze de Novembro – Triângulo Central -, e a região do Largo do Arouche, Avenida Paulista, Angélica e São João, eram palco dos festejos das elites paulistanas com o desfile do curso e das grandes sociedades carnavalescas como o Club Carnavalesco Tenentes do Diabo, os Fenianos, os Democráticos, os Argonautas e o Lygia Club. Nessas ruas, homens, mulheres e crianças das elites desfilavam suas fantasias e seus carros, ricamente enfeitados para a ocasião, e faziam o jogo de confetes e serpentinas diante de um público mais modesto, mas que também se divertia e participava, a seu modo, das alegrias dessa festa nas diversas ruas da cidade.

O carnaval era brincado ainda pelos segmentos médios e populares que desfilavam seus blocos, cordões e ranchos e divertiam-se nas ruas do bairro do Brás, como as Avenidas Celso Garcia e Rangel Pestana. Além desses espaços públicos, a autora ainda encontrou notícias de festejos carnavalescos na Barra Funda, Bexiga e Belenzinho, no Jardim América e Pinheiros, nas imediações da Avenida Paulista e nos bairros da Lapa, Santana e Santo Amaro.

Como podemos notar, os diversos festejos durante o carnaval ocupavam diferentes espaços públicos, conforme a condição social dos foliões. Além desses lugares abertos, Silva comenta sobre os inúmeros clubes onde ocorriam os bailes, alguns nos quais somente as elites participavam, outros de associações de classe e aqueles que agregavam uma maioria, desde que pudessem pagar.

Vimos que as ruas centrais da capital paulista durante os festejos carnavalescos eram limitadas às brincadeiras das elites paulistanas e que os segmentos populares deveriam realizar os desfiles de seus blocos, ranchos e cordões em seus bairros, o que demonstra que a ocupação dos espaços públicos também fez parte das disputas mais amplas entre os diversos segmentos sociais para garantir seu espaço – social, econômico e cultural - na cidade e o sentido de pertencer a ele.

As disputas em torno dos espaços na cidade, nas brincadeiras do carnaval, são bem mais antigas e como indica Fabio Augusto de Oliveira Santos, o direito de desfilar por certos espaços na capital federal foi conquistado pelos grupos populares

suburbanos entre 1888 e 1923, conforme analisa em sua dissertação: *Uma festa e suas máscaras: carnavais populares no Rio de Janeiro de 1888 a 1923*<sup>13</sup>. Para este autor, as manifestações populares carnavalescas como os cordões, ranchos e blocos eram estratégias e artimanhas utilizadas pelos populares como meio de resistência, confronto e rebeldia frente às imposições da elite, que idealizava a sociedade e o carnaval mais de acordo com o sentido de progresso e civilização, que esta almejava para o país.

Nessa luta renhida, na qual a violência policial sempre esteve presente, as várias formas de brincar o carnaval conquistaram, ao longo dos anos, seus lugares nos espaços centrais da cidade e os blocos, cordões e ranchos deixaram de ser práticas essencialmente populares e ganharam a adesão de grupos mais abastados.

Percebe-se, então, que a ocupação da rua como espaço público e democrático pelos populares, em suas práticas de lazer e cultura, nem sempre ocorreu de forma tranquila e foi bem aceita pelas elites e pelas autoridades responsáveis pela segurança pública. Poder desfilarem pelas ruas centrais da cidade de São Paulo, nos tempos de carnaval, foi uma conquista árdua dos segmentos populares.

Se, na capital do estado, o carnaval fazia a alegria de milhares de foliões, nas cidades do interior não era diferente. Entretanto, as diferenças sociais não eram tão explícitas na ocupação dos espaços públicos e uma maior socialização era possível entre as diversas camadas sociais nos dias de folia.

Em Assis, o carnaval adquiria um grande significado para parcela da comunidade e isso pode em parte ser dimensionado pela cobertura dada pelos jornais às festas do período e pelas recordações dos entrevistados, como as do sr. Ulysses Benozati: *a gente esperava o carnaval, aquela ansiedade. Quando vem o carnaval, ficávamos buscando no calendário que dia caía. Mas como a gente não tinha muita coisa para fazer, ficava esperando*<sup>14</sup>.

Essa vontade de brincar o carnaval e de cair na folia no tríduo momesco lembradas pelo sr. Ulysses Benozati, indicam o gosto pelas festas carnavalescas e também que elas tinham significados particulares para cada folião, que ano a ano esperava esse período de alegria e descontração.

Pelo que indica o Código de Posturas Municipais, desde pelo menos 1918, data da sua promulgação, os moradores de Assis festejavam os três dias de Momo. No entanto, é plausível que os assisenses brincassem os três dias dedicados ao Rei antes desta data, visto que tal divertimento teve suas regras regulamentadas pelo Código em 1918.

Segundo este, sob o título VI – Dos costumes e dos divertimentos públicos, pelo artigo 231 era expressamente proibido:

- a) a exposição de Judas;
- b) o jogo de entrudo;
- c) a fabricação ou venda de laranjinhas ou limões, bem como a venda e uso de bisnagas que contenham drogas causticas ou que por qualquer modo possam causar alguma lesão corporal;

Outro artigo, de número 232, também procurava coibir as práticas carnavalescas autônomas e o entrudo na cidade ao regulamentar que: *sem prévia licença da autoridade policial não serão permitidos carros ou bandos de máscaras pelas ruas*<sup>15</sup>.

As punições pela infração dos dois artigos eram multas no valor de 20\$000, que aliás, seguiram as leis válidas para todo o Estado.

Estas proibições indicam claramente algumas das formas pelos quais os assisenses brincavam seu carnaval e se divertiam nos três dias de folia e também uma das maneiras de ocupação do espaço público da rua para a diversão.

Desde o final do século XIX, as autoridades policiais, em conjunto com as elites políticas e com a Imprensa, procuraram cercear tais manifestações populares durante o período do carnaval, seja por meio de proibições legais ou de artigos em jornais, depreciando o jogo do entrudo como prática arcaica e incivilizada. No entanto, tais proibições foram sendo repetidas ao longo dos anos, sendo encontradas nas capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, até meados dos anos 30<sup>16</sup>.

O Código de Posturas do município de Assis, além de reiterar tal afirmação, aponta que a preocupação de “civilizar” as manifestações carnavalescas da sociedade brasileira, não era somente das autoridades federais e estaduais, mas que também estavam presentes entre as elites municipais, num esforço conjunto de todas as esferas do poder para fazer do país uma nação civilizada.

Como vimos, uma das formas de participação das elites da capital no carnaval de rua era o corso, o desfile de carros enfeitados com pessoas fantasiadas fazendo o jogo de confetes e serpentinas.

Em Assis, o corso também ocorria para as famílias que não tinham o próprio carro para participar. Era possível alugar um veículo, conforme o relato de uma entrevistada, que contou que seu pai assim procedia para ela e as irmãs poderem

desfilarem na Avenida.<sup>17</sup> Essa atitude do pai alugar o carro para as filhas participarem do curso demonstra sua preocupação em preservar certa distinção social e se fazer presente em meio a outros da elite. Era uma das formas de assegurar o convívio com “a boa sociedade” local e os dividendos materiais e sociais que daí poderiam advir.

As fotografias abaixo (foto 1 e 2 ) demonstram a adesão dos assisenses à folia do Momo no início do século XX. Estas únicas imagens sobre o curso na cidade revelam um pouco mais sobre o carnaval assisense. A primeira foto mostra um carro fazendo o curso em 1921 e indica a presença de crianças nesse tipo de divertimento, além de pequeno público, que observa sua passagem. Uma certa ousadia feminina em participar do carnaval contrasta com a vestimenta recatada, que apenas certa uniformidade de tom, modelo e estampa lembram a festa. Nota-se que as pessoas presentes na rua também não usam fantasias. Nesse sentido, tais atitudes, indicam vagamente que estão num momento de brincadeiras e divertimentos carnavalescos, denunciados somente pelas serpentinas jogadas nas ruas e no carro.



Foto 1: Corso em Assis. 1921.<sup>18</sup>



Foto 2: Corso em Assis. Década de 1920<sup>19</sup>.

Diferentemente da foto 1, na seguinte veem-se crianças e um adulto fantasiados de pierrô e o carro ornamentado com serpentinas e arranjos vegetais. Apesar disso, as posturas e gestos das pessoas são contidos, não revelando alegria e ar de festa carnavalesca. Porém, tudo indica que, passado o momento da tomada da foto, as brincadeiras eram retomadas e a alegria também.

Arruda Dantas, ao escrever suas memórias sobre a cidade de Assis, evoca suas lembranças a respeito do corso e, apesar de não precisar a data do desfile, o trecho abaixo é significativo em relação ao evento

No desfile do corso, participava a elite da cidade com seus carros enfeitados, as moças assentadas nas capotas dos automóveis conversíveis. Serpentinas, adquiriam-se em caixas; e o seu uso era tão grande, que de tempo em tempo, os empregados da prefeitura vinham limpar a rua, retirar a serpentina, para que os automóveis pudessem passar<sup>20</sup>.

Ao comentar sobre o corso, a citação indica os atores presentes em cena, os foliões e os trabalhadores, servidores municipais, que liberavam a rua do acúmulo das serpentinas, para que o desfile transcorresse melhor. Além desses, havia aqueles que assistiam, posição inclusive revelada por alguns entrevistados. Esta divisão é constatada por Maria Isaura P. de Queiroz ao analisar as festas carnavalescas atuais nas cidades de Tatuí, São João del Rei e Piracicaba, e aponta os diferentes papéis representados pelos que estão envolvidos na festa, sobre os quais afirma:

[...] O espaço carnavalesco não se divide apenas entre os que olham e os que dançam; uma terceira divisão, menos clara porém existente, separa estas duas categorias da categoria dos que trabalham...Desta maneira, no espaço e no tempo carnavalescos, os comportamentos dos que estão reunidos se diferenciam conforme os papéis que desempenham [...]<sup>21</sup>

Porém, será que esta divisão de papéis desempenhados pelas pessoas durante o carnaval é tão rígida e estanque da forma como coloca Queiroz? Não será o ato de aplaudir, ou vaiar, de gostar mais deste ou daquele cordão ou bloco, de observar e opinar sobre as fantasias das famílias que desfilavam o corso, uma outra forma de participação? Um forte indício, que coloca em dúvida as afirmações da autora, é o fato de que em Assis, no período estudado, os assistentes do corso, blocos

e cordões, brincavam o carnaval ao som da banda colocada em cima do coreto, armado na Avenida Rui Barbosa. Como afirma o *Jornal de Assis: A banda musical Lyra Assisense foi, pôde-se dizer, a animadora do nosso Carnaval. Durante os três dias ella tocou no centro da Avenida e, ao seu redor, os foliões brincaram a valer*<sup>22</sup>. Portanto, a rua tornava-se o espaço da diversão, da folia, dos encontros dos amantes do carnaval na cidade e adquiria um novo significado.

Nos dias de carnaval, a rua tornava-se não somente o espaço de todos, mas o espaço em que era possível mostrar-se em suas fantasias e fetiches, sem ninguém achar estranho ou inconveniente. Era o lugar e o momento para ser rei ou rainha, homem ou mulher, rico ou pobre. Assim, o espaço das ruas durante o carnaval tornava-se mais democrático e mais igualitário.

Curiosamente, os jornais da cidade de Assis nada trazem sobre foliões solitários, que no período do carnaval procuravam por meio do chiste e da provocação divertir-se e incitar outros ao riso e à alegria. Entretanto, algumas evidências sobre a existência dessas figuras no carnaval foram lembradas pelo sr. William Nigro, assisense e filho do proprietário do *Jornal de Assis*<sup>23</sup>, que comentou sobre algumas pessoas vestidas com camisas listradas e cone na cabeça, que bebiam e provocavam os transeuntes nos dias dedicados a Momo. Ou então, a figura de João Correia de Alvarenga, que veio para Assis em 1920 e que no carnaval, (...) *gostava de se fantasiar de mulher... e descia a avenida Rui Barbosa atirando beijos e mexendo com os homens*<sup>24</sup>.

Essas formas de brincar o carnaval em Assis são indicativas das possibilidades abertas às pessoas de quebra das normas e condutas cotidianas nesse período, sem chocar ninguém, visto que era carnaval.

O desfile de blocos e cordões pelas ruas da cidade de Assis também fazia a alegria do carnaval local. Nessa cidade nos anos 30, tanto a elite quanto outros setores mais populares formavam blocos e cordões para brincar e divertir-se no tríduo momesco.

Fazendo a chamada para o carnaval de 1934, o *Jornal de Assis* finaliza a nota dizendo: *Eia, despertai, todos! Tristeza não paga dívidas... Viva o carnaval!*, lembrando que não havia motivos para não se deixar levar pelas alegrias da folia carnavalesca e que esta já tinha chegado à cidade antes mesmo da data oficial, confirmada especialmente pelos integrantes dos blocos, que antecipadamente se reuniam para ensaiar as principais marchinhas e sambas.

Os cordões também já estão em ação. Há tempos que estão ensaiando as últimas novidades carnavalescas para se exibirem no dia marcado. Serão cantadas as melhores marchas e sambas do ano: “Linda Lourinha”, “Na Aldeia”, “O Tipo 7”, “Há uma forte Corrente contra Você”, “Olhe à Direita”, “Uma andorinha não faz Verão”, “Carolina”, etc [...]”<sup>25</sup>

No geral, os cordões e blocos em Assis ensaiavam as marchas e sambas, que naquele ano faziam sucesso nas grandes cidades, e não composições próprias, indicando que, por meio das músicas, estavam sintonizados com os festejos carnavalescos das grandes capitais. Dessa forma, também alegravam e traziam os ritmos que dariam o tom do carnaval na cidade.

Ainda que a regra fosse cantar as músicas de sucesso de artistas famosos, o Bloco da Fumaça possuiu música própria, composta por um funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, o sr. Roberto, conhecido como Carioca que, transferido do Rio de Janeiro para Assis, participou ativamente da folia momesca, compondo, cantando e participando do bloco<sup>26</sup>. O sr. William Nigro rememorou vários episódios sobre o carnaval assisense e trouxe à tona a música:

Fumaça, Fumaça  
Esse é o nome que alguém nos deu  
Pisamos firme para ter a glória  
De encontrar um dia  
Um sorriso teu  
Venha meu benzinho  
Deixe de tristeza  
Venha a avenida  
Vamos farrear  
No meu cordão só entre gente boa  
Oh! Abrem alas  
Que o Fumaça quer passar.

A letra da canção convidava os foliões a tomar parte da festa, juntamente com os participantes do bloco, cujo nome parece que ninguém mais recorda quem deu, mas no qual somente gente de bem está presente, apesar de ser um grupo fora da elite. Segundo o sr. William Nigro, *isso fazia um sucesso... e todo mundo cantava*<sup>27</sup>.

Os blocos eram compostos por familiares e amigos, homens e mulheres, e eram responsáveis em grande parte pelo sucesso do carnaval na cidade, espalhando alegria e divertindo a população, conforme notícia em 15/02/1936:

O primeiro cordão a dar o ar de sua graça foi o “Bloco da Fumaça”, que há duas semanas já, provoca a alegria dos assisenses. Sábado último deu a nota elegante, enchendo a nossa urb de uma fulgurante alacridade; a exibição deste cordão, composto de rapazes e senhoritas, cantando as mais recentes marchinhas deste ano, constituiu um sucesso extraordinário<sup>28</sup>.

Diferentemente dos desfiles de cordões e blocos nas capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, onde saíam em dias determinados e aprovados pelas delegacias de polícia, de acordo com as lembranças do sr. Willian Nigro, em Assis, os foliões não tinham dia certo para fazer seu desfile pela Avenida Rui Barbosa, sendo que cada qual desfilava quando quisesse, com seus uniformes e cantando marchas e ranchos de sucesso, parando, às vezes, nos cinemas e bares, sob os olhares dos transeuntes<sup>29</sup>.

Em Assis, o Código de Posturas regulamentava as normas para os festejos carnavalescos, conforme foi visto, e previa que sem autoridade policial não eram permitidos carros ou bandos de máscaras nas ruas. Apesar de não se referir especificamente aos blocos e cordões, é provável que estes também fossem enquadrados, visto que no Rio de Janeiro e em São Paulo, tanto as grandes sociedades carnavalescas de elite quanto os cordões, ranchos e blocos populares, precisavam registrar seu nome, o estatuto e o itinerário do grupo nas delegacias da cidade<sup>30</sup>

Em 1936, *A Notícia* afirma que dez cordões exibiram-se, como o Bloco da Anália, Bloco da Fumaça, Choro dos Tangarás, Bloco Tiroli, o Cordão da Mocidade, o Choro dos Inocentes e o Bloco dos Viajantes, Bloco Sai da Frente, Bloco dos Anjos do Inferno, Diabos do Céu<sup>31</sup>. Assim, reunir amigos e familiares em torno de brincadeiras, que envolvem gostos e idéias comuns, demonstra uma extensa rede de convívio que a comunidade dispunha nos momentos de lazer e, provavelmente, também em outras ocasiões ou necessidades, e que no carnaval se consubstanciava na forma de blocos e cordões ou grupos.

Ainda que os jornais não ofereçam maiores informações a respeito, é possível conhecer um pouco do espírito de brincadeira, irreverência e ironia dos participantes por meio dos nomes dados aos cordões e blocos, como, por exemplo, o Bloco Sai da Frente, insinuando que eles vieram para arrasar, para muita diversão e festa. Outros nomes que chamam a atenção são, Bloco dos Anjos do Inferno e Diabos do Céu, nos

quais a oposição e mesmo a inversão entre elementos e espaços davam o tom da graça e da irreverência desses grupos.

O *Jornal de Assis* diz que o Choro dos Inocentes era um bloco do qual participavam somente crianças. Ao rememorar o carnaval na cidade, o sr William Nigro contou que, incentivado por seu tio, Pedro Nigro, fez parte desse bloco quando tinha cerca de 10 ou 12 anos<sup>32</sup>. Já o Bloco dos Viajantes, talvez indicasse a profissão dos participantes, isto é, pessoas que trabalhavam na venda de mercadorias como representantes das pequenas firmas locais.

O Bloco da Mocidade era composto pela elite local, em especial os rapazes que estudavam fora, em Botucatu ou Campinas, mas que na época do carnaval retornavam a Assis para brincar os *dias gordos*. Nas memórias do sr. Ulysses Benozati, esse bloco fez sucesso durante alguns anos, apesar da precariedade dos músicos, que não eram dos melhores.

O Bloco da Fumaça representava outro grupo social. O mesmo depoente fez questão de demarcar as diferenças entre esses dois blocos, apontando que a preocupação de reunir iguais no mesmo espaço e nas mesmas formas de se brincar os Dias Gordos revelam as diferenças sociais e a busca de distinção da elite, expressas até mesmo na sua forma de rememorar os blocos.

Eram pessoas um pouco mais humildes. Mas era um bloco muito afinado, havia até músicos melhores que o Bloco da Mocidade. Mas era um outro estilo de vida. Representavam um outro segmento da sociedade. Eram operários, divergiam um pouco do Bloco da Mocidade que era de estudantes, enfim com um pouco mais de escolaridade. Havia operários da Fepasa, da construção civil, pedreiros, carpinteiros<sup>33</sup>.

Ao construir uma memória sobre os blocos existentes na cidade, e em especial o Bloco da Mocidade, do qual não fazia parte, mas sim seu irmão mais velho (este era estudante de direito e vinha passar o carnaval em Assis), e colocá-lo em contraste com o Bloco da Fumaça, que congregava setores menos abastados, o entrevistado teve a preocupação de situar seu lugar social, que lhe conferia certo prestígio e que dava condições de estar entre a elite.

Apesar disso, o carnaval possibilitava uma maior interação entre os segmentos sociais porque, de acordo com as lembranças do sr. William Nigro, todos os blocos podiam entrar no Clube Recreativo<sup>34</sup> para se apresentar, cantar algumas músicas e divertir o público. Além disso, os blocos e cordões visitavam os cinemas, que paravam

suas projeções para estes apresentarem suas performances. Nesse sentido, apesar das separações de espaços e da preocupação em demarcar distinções, a linha que separava ricos e pobres, no carnaval, tornava-se mais tênue.

Além desses blocos e cordões, que costumeiramente faziam a alegria do carnaval assisense, o *Jornal de Assis*, na edição de março de 1935, revela que [...] *percorreram as ruas, grupos esparsos, com bizarras phantasias e executando musicas proprias do momento [...]*<sup>35</sup>. Infelizmente, o *Jornal* não explicita que fantasias esses grupos vestiram e nem seus componentes. Os comentários dos semanários locais sobre o carnaval, nos outros anos, não trouxeram mais notícias sobre esses grupos, cuja formação era mais um indicativo da variedade de brincadeiras ocorridas na cidade.

O sr. Ziki e outros comerciantes, aproveitando o período do carnaval, instalavam também, na Avenida Rui Barbosa, um dos palcos principais da festa, três ou quatro pontos de venda de produtos carnavalescos, que além dos tradicionais confetes, serpentinas e lança-perfumes, vendiam reco-recos, apitos, línguas-de-sogra, camisa listrada, etc. Segundo o sr. William Nigro, *vendia, vendia, vendia, que não tem tamanho... Faturavam horrores...*<sup>36</sup>, o que indica o gosto e o entusiasmo do folião assisense pelo carnaval e a participação significativa de grande parte da população.

É interessante observar a ocupação da rua, em especial da principal avenida da cidade, para o comércio, o que não era usual, indicando mais uma alteração nesse espaço em determinados momentos do ano, modificando em parte, sua função principal que é servir como via de circulação.

Se desde o século XIX, as ruas dos centros urbanos foram ocupadas pelos foliões das mais diversas camadas sociais para os festejos durante o carnaval, desde 1937, também para a cidade de São Paulo, como nos informa Zélia Lopes da Silva, o carnaval foi aos poucos, deixando de ser uma festa comemorada nos espaços públicos, para se concentrar mais em salões, clubes, hotéis, enfim em espaços fechados<sup>37</sup>.

Por meio do estudo de práticas de lazer e cultura, vimos diferentes formas de ocupação do espaço da rua, que apesar de ser público, nem sempre foi democrático, ao contrário, era dividido e demarcado por diferenças sociais e econômicas.

Recebido para publicação em setembro de 2009.

Aprovado para publicação em setembro de 2009.

**Notas**

- <sup>1</sup> BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, v.III, 1954.p.1238.
- <sup>2</sup> Em pesquisa realizada sobre a história da cidade de Palmital/SP, constatei a prática do *footing* como comum nos finais de semana entre seus moradores. Em entrevistas realizadas tanto para minha tese de doutorado abarcando a cidade de Assis/SP, quanto na pesquisa sobre Palmital/SP, os entrevistados relatavam ser comum a realização do *footing* em diversas cidades vizinhas que eles conheciam.
- <sup>3</sup> PINTO, Luziano M. sociabilidade de “matinée”: o cotidiano em Uberlândia nos anos 40. *História e Perspectivas*. Uberlândia, v. 14/15, p.113-132, jan/dez, 1993.
- <sup>4</sup> O texto bem por base minha tese de doutorado intitulada: *Dimensões da sociabilidade e da cultura: espaços urbanos, formas de convívio e lazer na cidade de Assis. 1920-1945*. Assis, 2003. Tese (Doutor em história). Faculdade de ciências e Letras. Unesp. Essa pesquisa, discute formas de convívio ensejadas em certas práticas de lazer, entre elas, o carnaval e o *footing*, realizadas em determinados espaços, proporcionando aos seus freqüentadores a criação de relações e de poder.
- <sup>5</sup> Foram realizadas diversas entrevistas com os moradores da cidade de Assis sobre as formas de lazer existentes na cidade no período entre 1920-1945. Para maiores informações consultar a tese da autora citada no artigo.
- <sup>6</sup> Entrevista com sr. Ulysses Benozatti em 07/05/1999.
- <sup>7</sup> Entrevista com dona Irene Ribeiro Salotti em 04/06/1999.
- <sup>8</sup> PINTO, Luziano M. op. Cit.
- <sup>9</sup> Entrevista com sr. Antenor Camargo 23/09/1999.
- <sup>10</sup> Entrevista com sr. Ulysses Benozatti em 07/05/1999.
- <sup>11</sup> Entrevista com sr. José Cândido Figueiredo em 06/09/02.
- <sup>12</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.
- <sup>13</sup> SANTOS, Fábio Augusto de Oliveira. *Uma festa e suas máscaras: carnavais populares no Rio de Janeiro de 1888 a 1923*. Assis, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.
- <sup>14</sup> Entrevista Sr. Ulysses Benozati em 07/05/1999.
- <sup>15</sup> CÓDIGO DE POSTURAS MUNICIPAES. 9/5/1918. Título VI, Capítulo Único. P.36-37.
- <sup>16</sup> SILVA, Zélia. O carnaval dos anos 30 em São Paulo e no Rio de Janeiro (de festa de elite a ‘brincadeira popular’). *História*, São Paulo:UNESP, v.16, p.185-204, 1997.
- <sup>17</sup> Entrevista com d. Leonor Nóbile em 08/06/2000
- <sup>18</sup> Foto cedida pelo sr. Kiko Roseli, morador da cidade de Assis.
- <sup>19</sup> Foto adquirida na loja Ringo Fotos de Assis.
- <sup>20</sup> DANTAS, Arruda. *Memórias do patrimônio do Assis*. São Paulo;Pannartz, 1978. p.182.
- <sup>21</sup> Queiroz, M. Isaura P.de. A ordem carnavalesca. *Tempo Social*. São Paulo: USP, v. 6, p. 27-45,1994. p.31.
- <sup>22</sup> Jornal de Assis. 13/02/1937.
- <sup>23</sup> Entrevista com sr. Willian Nigro em 24/10/2001.
- <sup>24</sup> SANTOS F<sup>o</sup>, Lycurgo de Castro. *Assis na Alta Sorocabana.um instantâneo de seus pioneiros*. Campinas,1994.
- <sup>25</sup> *Jornal de Assis*. 27/01/19934.

<sup>26</sup> Entrevista com o sr. William Nigro em 24/ 10/2001.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> *Jornal de Assis* 15/02/1936. *A Notícia*

<sup>29</sup> Entrevista com sr. Willian Nigro em 24/10/2001.

<sup>30</sup> Silva, Zélia L. da. Op.cit, 2008. ;SANTOS, Fábio A. de Oliveira. Op. cit.

<sup>31</sup> *Jornal de Assis*. 22/02/1936.

<sup>32</sup> Entrevista com o sr. Wiliam Nigro em 24/10/2001.

<sup>33</sup> Entrevista com sr. Ulysses Benozati.em 07/05/1999. Quando o sr. Ulysses fala em Fepasa, na realidade ele refere-se à Estrada de Ferro Sorocabana, que posteriormente ganhou esse nome, apontando as interferencias do presente e de outras representações na construção de sua memória.

<sup>34</sup> O Clube Recreativo era o clube da elite em Assis no período estudado.

<sup>35</sup> *Jornal de Assis*. 09/03/1935.

<sup>36</sup> Entrevista com sr. Willian Nigro em 24/10/2001.

<sup>37</sup> SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais na cidade de São Paulo nos anos de 1938 a 1945. IN: FENELON, Déia Ribeiro et all (orgs.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.